



A poética do espaço dando voz a uma história silenciada pelos vencedores

Félix Candido S. NETO¹

Dr. Odenei de Souza RIBEIRO²

Resumo

Contar uma história a partir de ferramentas até então pouco tempo não reconhecidas como científicas, sendo que estas mesmas ferramentas dão voz, contorno, visibilidade ao que estava pronto para ser indagado pela inquietude das ausências. Analisar um fato objeto com uma sensibilidade poética é comparado a sensibilidade do perfumista em extrair e ressaltar aromas, sutilezas e o prazer da fragrância por ele criada. A fenomenologia e a poética do espaço são ferramentas que inclui aquilo que foi excluído da narração oficial e vencedora, criando novos espaços e reconhecendo o corpo daquilo que era tido como invisível. Os espaços silenciados pela voz vencedora não são espaços de adormecidos, pelo contrario! Estão pulsantes, quentes e ativos. São neles que estão as teias que sustentam toda uma trama de inter-relações. Ouvir o relato silenciado de uma memória é como uma teia de aranha molhada pelo orvalho da madrugada se mostrar bela e prateada aos olhos de todos. Escrever a partir de fontes não oficiais, é navegar em mar revolto, é saber pisar na cadencia das ondas, e não se perder na imensidão das águas quando as estrelas se cobrem pelas nuvens da incerteza. O nascimento de uma nova narrativa nasce da mesma expectativa de sentir pela primeira vez o toque da luz do sol no rosto. É chamar a existência um corpo que só existia num canto de uma memória

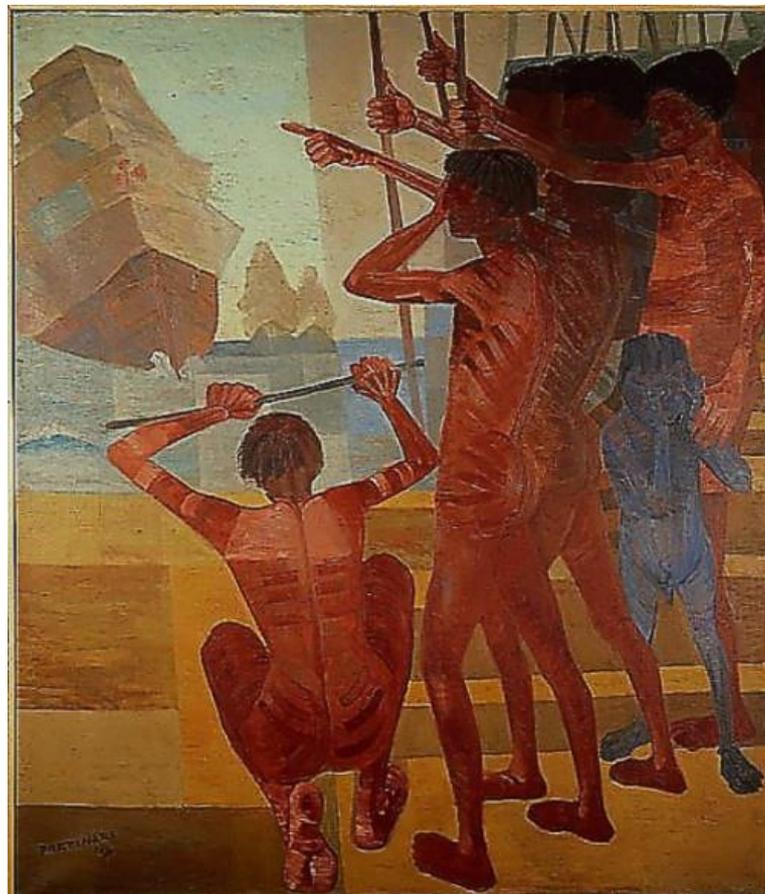
Palavras-chave: Fenomenologia, Espaço, Memória, Mito, Regionalidade.

A origem do conhecimento surge da dúvida sobre a veracidade do concreto, quando o homem se dobra diante da dúvida carregado de um conjunto epistêmico que lhe é manifestado por meio das práticas sociais e culturais, passando a estabelecer um novo diálogo com a reflexão. Essa dinâmica entre a existência, o pensar e o agir, cria novos símbolos, novos preconceitos, novos signos, novas conexões da palavra, novos relacionamentos, novas formas de poder e mitos elastecendo esse mesmo homem em uma nova resignificação do espaço, do outro e de si.

¹ . Mestrando do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia pela Universidade Federal do Amazonas.

² Doutor em Sociedade e Cultura, docente do programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura.

A história da Humanidade Ocidental começa sempre com a primeira letra da voz do mito. Os mitos sempre estiveram presentes na construção do homem no mundo, em suas relações complexas no tripé das inteirações sociais, políticas e religiosas. São eles que ligam o sagrado e o profano, construindo pontes de poderes, crenças, status sociais e preconceitos. São os mitos que aproximam e separam os grupos humanos. São eles os iniciantes do diálogo entre os opostos. São socialmente recorrentes pelo homem para explicar o que o homem não conseguiu ainda responder.



**“O descobrimento do Brasil”- Cândido Portinari
Pintor brasileiro (1903-1962)**

Na história clássica do descobrimento do Brasil, nos deparamos com espaços calados durante a narração de uma verdade construída pelo vencedor que silenciou aquilo que lhe era avesso. Espaços que passam despercebidos em um primeiro



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



momento, parecendo não existirem por estarem silenciados por uma proposta de um paradigma dominante. Em uma olhada demorada sobre a tela do descobrimento, pintada por Candido Portinari, percebe-se uma nova narração esperando para ser ouvida, indagada, puxada manifestando a existência de um espaço que comunica que se liga com o hoje sem negar o dialogo com o passado.

Essa voz que surge deste espaço temporal ela não surge por um milagre, ela sempre falou, sempre se movimentou, sempre esteve presente, isso se deve as pistas deixadas por fontes não oficiais, fontes que foram pavimentadas, mas que ficaram registrada em poemas, notas de um velho jornal, ou esquecida no diário de algum botânico. O espaço sempre deixara algum sinal das alterações que sofreu se perceberem nas sutilezas do cotidiano das relações sociais por exemplo.

As mudanças são parte do fenômeno do espaço, que se refletem no próprio homem, elasticendo a dinâmica de suas relações sociais, políticas, passando pela transformação dos mitos.

A obra representa o (des) encontro epistemológico de duas culturas, a tragédia poética encarnada na agonia azul da criança e as tintas avermelhadas que formam corpos nus e pés no chão com os rostos voltados para o horizonte, tendo às costas voltadas para o observador dando para quem observar um papel definido em um prisma reflexivo. Essa estratégia nos leva para outro espaço indagativo que e a fabula da mariposa atraída pela luz incandescente da lâmpada epistemológica europeia, por outro lado, a agonia silenciosa da criança azul confronta o observador denunciando um futuro de desencontros, conflitos, novos desdobramentos, a desconstrução de espaços e a construção de novos territórios tendo fronteiras geográficas como ferramenta de exclusão. Portinari denuncia e interroga um silencio histórico nos transportando para uma realidade atual sem nos desconectar do primeiro desencontro silenciado por uma verdade histórica oficial, essa indagação começa a desconstruir uma verdade oficial que hoje já começa a ser questionada, esticando o espaço do debate, revelando novos atores, ampliando o papel do protagonista, descortinando um cenário escondido por uma narrativa e e insensível que não apreciava os detalhes e é que já existia .



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



A criança é a minoria resistente que dando as costas para as caravelas e o mal pressentimento deste desastroso desencontro sinaliza um futuro de pés no chão, extermínio e dor. A tinta se amplia, salta da tela ligando quem observar em um vermelho que transpõe o tempo que une a todos em um único Brasil ontem e agora, o horizonte escorre da moldura revelando a urgência de localização no espaço na reflexão de quem somos e onde desejamos chegar com o Brasil. Portinari revela o silêncio que a carta de Caminha não falou.

Alguns historiadores, como Tales Pinto, afirmam que já existiam relatos das Terras das Araras (atual Brasil) nas conversas acaloradas das tavernas que existiam as margens do Mediterrâneo, marinheiros, mulheres da vida, curtumeiros, assassinos, espiões da igreja, do rei, nobres falidos, advogados católicos, empreendedores enfim, gente de todas as esferas sociais que buscavam nessas conversas a possibilidade de enriquecer, ser senhor de sua chã. Gente que discutia a importância que a descoberta de novas rotas marítimas provocaria tirando o poder das mãos da nobreza para as mãos de comerciantes, uma mudança radical, o que chamaríamos de o surgimento de um novo paradigma de uma reestruturação de poder, novos atores, novos valores e por que não novos preconceitos na sociedade europeia medieval.

A informação começa sempre sua construção em lugares inusitados, como o citado, ganhando corpo próprio, ela sempre dará ao indivíduo a chance de desfrutar de uma posição privilegiada na sociedade, pois essa informação será sinônimo de poder, pois a hipótese leva a tomada de decisão resultando em vantagem de uma sociedade sobre outro grupo humano, resultando num posicionamento estratégico, mudando uma realidade espacial criando um novo fluxo do espaço global.

Nas linhas de Caminha no diálogo com o rei de Portugal, subentendesse que a sua informação previa, foi muito pequena diante da informação visual ao descobrir o outro. A dimensão corporal indígena confrontou a concepção cristã medieval, a extensão corporal indígena em sua relação individual, ressaltava uma personalidade que se harmonizava de forma equilibrada na coletividade e também se tornava parte integrante da natureza. Essa nova informação foi um choque visual e conceitual, que



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



descambou no apelo caridoso, (fruto de um preconceito) de Caminha em apelar à urgência de salvação pra essa gente de pele nua e pintada.

Este apelo depois de uma reflexão lenta era uma indagação a uma epistemologia concreta, uma cosmologia que passa a ser indagada pela concretude visual da relação corporal do outro (indígena) e sua integração com a natureza, onde o homem não é senhor acima da natureza, pelo contrario, ele é parte da natureza que é a cabeça deste universo. As pinturas corporais de urucum, jenipapo e outras tinturas, confronta um conjunto concreto de verdades, exigindo silenciosamente o confronto das verdades medievais em relação a origem do homem sobre o planeta terra. A negação europeia do outro, fez os europeus acreditarem por um instante histórico que esse espaço recém-descoberto, rebelde e antagônico se explicava e encaixava na historia bíblica de que haviam encontrado os filhos de Cão, que era descendente direto de Noé. Logo, assim como Cão foi amaldiçoado para servir os irmãos e seus descendentes cabiam aos habitantes nus em um primeiro plano das praias do litoral servirem aos descendentes nobres de Sem e Jafé. Uma maneira divina de explorar o outro por um ato de pecado que o tornava inferior aos demais, justificando a sangrenta historia do extermínio dos povos das florestas por portugueses e espanhóis, sob a benção do representante direto de Pedro, o Papa.

Pero Vaz de Caminha depois de exaltar as benesses da terra, suas aguas, arvores, ares puros, percebeu que aquele povo não merecia tamanha riqueza, que por direito divino cabia a Portugal domar a natureza e explorar toda a forma de bens e riquezas que dela se pudesse explorar e aproveitar. Seu pedido ao rei de Portugal apela para a salvação do outro ao melhor estilo do modelo medieval cristão a partir dos seus próprios valores. Não se cabia perguntar se o outro avermelhado queria ser salvo, afinal, Como pode um homem existir sem a concepção da cosmologia europeia? “(...) Porém o melhor fruto, que nela se pode fazer, me parece que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em nela deve lançar”.(Biblioteca Virtual.com.br)

Neste pequeno trecho da carta de Pero Vaz de Caminha ao Rei de Portugal, em uma leitura mais lenta e atenta percebe-se o confronto da cosmologia Aristotélica com o avesso da cosmologia da Natureza que numa linguagem própria através dos corpos



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



vestidos de tintas impunha-se a logica aristotélica, um confronto de espelhos que passam a refletir o outro em si, dando a partida para o silenciamento e apagamento da nossa real existência (memória), por outra existência que se empunharia e sairia vencedora. “Parece-me gente de tal inocência que, se homem os entendesse e eles a nós, seriam logo cristãos, porque eles, segundo parece, não têm, nem entendem em nenhuma crença”.(Biblioteca Virtual.com.br)

E este é o silêncio denunciado na obra *O Descobrimento* de Candido Portinari, a criança azul, descalça, preocupada, frágil e indefesa e que mesmo assim vira as costas a toda uma cosmologia que pisava firme com botas de couro o assoalho da nau. E mesmo que a sua resistência não seja capaz de enfrentar a sagacidade da piedade europeia. Assim, o invisível passa a ter cor, corpo, movendo-se não mais na narrativa oficial, nem nas falas dos que representam o Estado, nossa verdadeira memória epistemológica se manifesta nas tintas de um pintor, nas letras do poema nas notas de um samba, ou num rapper suburbano em algum espaço territorial deste país. Então, num sorriso de serpente, com uma cordialidade de quem veio para ficar sem ser convidado, silenciosa, discreta se revestindo do imaginário divino do outro e quase secreta o primeiro choque deste desencontro entre estes dois corpos epistemológicos o (des) encontro entre o individualismo europeu e o sentido de pertencimento ao todo coletivo que se sobrepunha ao individualismo no modo social dos habitantes do litoral das novas terras. Estabeleceu-se o confronto de dois titãs epistemológicos.



A sensibilidade de Rodolfo Amoedo, em dar voz ao que foi o extermínio truculento dos povos do litoral em uma produção de 1883, nos mostra uma representação da ultima fronteira viva que restava na memória social dominante, ele dá visibilidade a crueldade expansionista dos invasores territoriais exterminando nações dentro do seu próprio espaço, com a prática da captura dos indígenas para a obra de mão escrava, sufocando com ataques estratégicos, estabelecendo fronteiras que limitavam o movimento das nações indígenas. A palavra tamoia vem de ``tamuya` que na língua tupi significa os velhos, os idosos, os anciões, indicando que eles eram as tribos mais antigas, tradicionais tupis, sendo considerados os mais conservadores de suas tradições e em nome da preservação da memória dos seus antepassados e como uma tentativa de sobrevivência do povo e das suas tradições estes grupos (nações indígenas do litoral) se unem em um só povo, uma nação única para resistir o invasor. Essa aliança unificou dialetos, criando um novo resinificado de palavras, surgindo novas configurações de palavras, comportamentos e relacionamentos, a chegada do estranho no espaço



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



tupinambá modificou a estrutura social tradicional que existia antes da chegada dos portugueses.

A presença alienígena lusitana criou um novo fenômeno de resistência no espaço, modificando a ocupação territorial condicionando a formação de alianças indígenas como maneira de combater a prática do escravismo pelos bandeirantes, para formar mão de obra para as primeiras plantações de cana de açúcar em São Vicente. A fenomenologia da imagem e um novo caminho que dialoga com os silenciados, onde os elementos da matéria juntamente com a prudência científica, dão a estes espaços um contorno próprio que não se perdem, pelo contrario, se conectam com a inquietude humana hoje trazendo uma gama de diálogos sem jamais abandonar os hábitos intelectuais tradicionais, pelo contrario essa nova percepção do espaço nos trazem novas ferramentas para a pesquisa científica dentro desta farta seara do conhecimento.

A tela do artista registra a queda ultima muralha viva que atrapalhava os planos expansionistas de Portugal, o corpo caído do índio estendido as margens do Atlântico mostra o fim não de um único povo, mais de etnias como os goitacás, guaianás e aimorés como única finalidade de dar cabo aos portugueses. Relatos de alguns jesuítas dão conta de lutas memoráveis dos tamoios, gente aguerrida, adestrada no domínio do arco e flecha. A palidez do ultimo guerreiro não se da por acaso, a palidez no rosto do ultimo tamoio denuncia o apoio francês dado a resistência tupinambá, a palidez fala silenciosamente da ação e do fracasso da coroa francesa, a Franca foi portanto, para a memoria vencedora o ator que agia nos bastidores deste enredo. Na morte do ultimo tamoio, enterra-se também o sonho da Franca Antártica. Em um instante rápido se parece tratar de um grupo pequeno e insignificante, mas analisando as fontes alternativas de espaços de informações desde cartográficas, relatos dos jesuítas, a tela celebra a queda de uma cosmologia resistente, teimosa em viver, que insiste em se reinventar.

A geográfica expansionista portuguesa alterou o território por meio das novas fronteiras, assumiu o papel de protagonista, alterou a cosmologia indígena por meio da catequização, avançou para os sertões buscando os chamados negros da floresta, desencadeou um novo protagonismo próprio da Europa dentro da América, com



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



conflitos próprios a presença portuguesa fundou com a união não planejada das três raças a matriz única da formação do povo brasileiro, que usando a imagem moribunda do último tamoio, denuncia a morte, não de um grupo humano mais de dois grupos indígenas, de um lado a nação tupinambá que congregava duas outras nações guaianazes e aimorés liderava que habitavam a costa dos atuais estados de São Paulo (litoral norte) numa faixa de extensão territorial que chegava até no que é atualmente o Vale do Paraíba fluminense no Rio de Janeiro. Do tronco linguístico tupi, traduz a morte da memória no mesmo local do primeiro encontro, o litoral brasileiro, a nudez rasgada ao olhar do observador um último fio de resistência a imposição do olhar do vencedor sobre o corpo do vencido. São os corpos na tela que deixam claro as diferenças, a palidez da morte na face da última fronteira viva destoa da pele saudavelmente corada do jesuíta.

A construção de uma narrativa dominante que apaga memórias tornando invasor em conquistador, assassino em herói, todas estas práticas metodológicas desde a seleção de documentos oficiais, são resultados de uma prática epistêmica reconhecendo apenas os feitos do vencedor sempre contornando a maldade, covardia contra a fraqueza do outro de uma maneira caridosa, bondosa, escamoteando a maldade da excluir o outro pelo fato dele possuir características físicas, culturais ou ter uma percepção avessa a dominante do que é divino. O apagamento da memória matriz brasileira, foi cercada por uma particularidade fruto da mentalidade vencedora, que mais uma vez aparece com cores, corpos com uma crueldade particular sucumbindo a imposição ao apagamento histórico.

Esse apagamento de memórias e dar cabo de toda uma rede de relações antes estabelecidas, ressignificando os laços parentescos, redesenhando novos costumes sociais, impondo um novo significado do trabalho, da produção do comportamento religioso como modelo de comportamento coletivo eliminando toda forma de resistência dando um novo significado aos mitos, incorporando novos elementos, falas, dando um novo significado ao papel do homem e da mulher atendendo a uma necessidade da memória dominante. Alcançando os mitos e esticando seus laços ao cotidiano.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



Logo, por conseguinte, nascem os novos significados dos mitos que geralmente possuem valores apreciáveis pelos homens que tendem a incorporá-los em sua prática social de convivência coletiva. Temos então toda uma estrutura diacrônica própria, ímpar, com uma identidade linguística que mesmo não aparecendo na narrativa oficial do outro não abre mão de sua própria existência.

Estes novos elementos de transformação em novas abordagens nasce da angústia azulada da criança de Portinari, que exprime uma angústia que também é nossa ela e a lente para novos olhares resultando em uma nova consciência. A obra de Portinari silenciosamente grita para algo que se cochicha dentro da academia que é a complexidade da solidariedade em descobrir o outro em um contexto de minha totalidade nele.

Dessa maneira o conhecimento científico se dá por um outro caminho que não é mais o da acumulação, mas pela reformulação criando então novos paradigmas de conhecimentos, conhecimentos estes que em sua maioria passam a ter um corpo próprio fora da história oficial, sem perder sua linguagem, sua universalidade.

Segundo Gaston Bachelard, a dinamicidade de perceber que o vazio de um espaço possui toda uma seara de novos debates e ampliação de novas fronteiras, exigindo uma sensibilidade do estudioso em se perceber parte do próprio espaço que nunca foi vazio, apenas ignorado.

E preciso estar presente, presente a imagem no minuto da imagem: se houver uma filosofia da poesia, essa filosofia deve nascer e renascer no momento em que surgir um verso dominante, na adesão total a uma imagem isolada, no êxtase da novidade da imagem. A imagem poética é um súbito relevo do psiquismo, relevo mal estudado nas causalidades psicológicas secundárias. Também não há nada de geral e coordenado que possa servir de base a uma filosofia da poesia. A noção do princípio, a noção de "base", seria arruinante nesse caso. Bloquearia a atualidade essencial, a essencial novidade psíquica do poema.

Enquanto que a reflexão filosófica que se exerce sobre o pensamento científico longamente trabalhado deve fazer que a nova ideia se integre num corpo de ideias já aceitas, mesmo quando esse corpo de ideias seja forçado, pela nova ideia, a uma



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



modificação profunda, como e o caso de todas as revoluções da ciência contemporânea, a filosofia da poesia deve reconhecer que o ato poético não tem passado- pelo menos não um passado no decorrer do qual pudéssemos seguir a sua preparação e o seu advento. (Bachelard,1996,p.01)

O Brasil tem sua história repleta de espaços silenciados pelas vozes dos vencedores, estes espaços são a nova fronteira da seara acadêmica, são neles onde as dinâmicas de poder dialoga em seus fenômenos com toda forma de conhecimento. Ao perceber que na brecha de determinado fato, essa brecha não é vazia, ela fala com o todo, ela se conecta com as partes, possuindo um discurso próprio em harmonia com a reflexão. Contar a história a partir do eco de um determinado passado e ir até a fronteira entre o ontem e o hoje sem deixar de reconhecer as raízes deste passado no meu presente imediato.

A imaginação é uma ferramenta afiada e importante para perceber com sensibilidade o que o detalhe possui de grandeza em sua simplicidade. Romper com a narrativa dominante através das lentes de Bachelard é entreabrir um diálogo de baixo para cima. E a possibilidade de dar voz aos silenciados, aos excluídos, analisar a condição feminina por meio de um livro de receitas esquecido em alguma cozinha, criar um diálogo com o invisível, notando as formas e a mobilidade de um corpo que nunca foi percebido, reconhecendo a existência do outro lançando luz sobre o seu drama existencial, chamando sua singularidade efêmera para dialogar com uma pluralidade de inquietações que saltam da mente.

Pareceu-se então que essa transjetividade da imagem não podia ser compreendida em sua essência só pelos hábitos das referências objetivas. Só a fenomenologia- isto é, o levar em conta da imagem numa consciência individual- pode ajudar-nos a restituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transjetividade da imagem. Todas essas subjetividades, transjetividades, não podem ser determinadas definitivamente.

A imagem poética é essencialmente variacional. Ela não é, como o conceito, constitutiva. Sem dúvida, isolar a ação mutante da imaginação poética no detalhe das variações das imagens é tarefa dura, posto que monótona. Para um leitor de poemas, o



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



apelo a uma doutrina que traz o nome, frequentemente mal compreendido, de fenomenologia, corre o risco de não ser entendido.

No entanto, fora de toda doutrina, esse apelo é claro: pede-se ao leitor de poemas para não tomar uma imagem como objeto, menos ainda como substituto do objeto, mas perceber-lhe a realidade específica. É preciso para isso associar sistematicamente o ato da consciência criadora ao produto mais fugaz da consciência: a imagem poética. A imagem poética, a dualidade do sujeito e do objeto é matizada, iluminada, incessantemente ativa em suas inversões. No domínio da criação da imagem poética pelo poeta, a fenomenologia é, se assim podemos dizer, uma fenomenologia microscópica. Daí essa fenomenologia ter a probabilidade de ser estritamente elementar.

Nessa união, pela imagem, de uma subjetividade pura, mas efêmera, com uma realidade que não chega necessariamente a sua completa constituição, o fenomenólogo encontra um campo para inúmeras experiências, aproveita observações que podem ser precisas porque são simples, porque “não levam a consequências” como é o caso dos pensamentos científicos que estão ligados. (Bachelard, 1996, p. 185)

O objeto dessa forma não se perde em sua autonomia, ganhando um contorno maior em sua particularidade que o faz dialogar com maior proximidade de outros campos científicos possibilitando o uso de novas ferramentas sem cair no senso comum. A imagem cria inúmeras experiências para o pesquisador. Em nossa particularidade amazônica quem mais possui possibilidades infinitas para novas experiências partindo da simplicidade, sem precisar do saber científico reconhecido ou não pela academia, possuindo uma linguagem que se atualiza pela memória coletiva onde é construído e desconstruído constantemente, sempre se reinventado, acalmando os ânimos, justificando ausências, validando a presença do outro, e o mito.

Todas as sociedades humanas tem em sua base iniciante o mito que justifica os modos culturais de pertencimento a determinado grupo. São eles que explicam a origem, e como tal estabelecem uma via dinâmica que liga o imaginário (Paraíso) com o concreto (o mundo real dos homens). São os mitos que precedem a história antes da palavra escrita e registrada.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



O homem busca no mito o modelo de beleza, força, coragem e por que também não, maldade e morte justificadas no manto da nobreza que não precisa se justificar, toda essa dinâmica e marcada por um desconstruir-se, o mito na poética do espaço possui uma digital de mobilidade, apontado as mudanças particulares, e o mito quem ira traduzir a alma do objeto, e pelo mito que a linguagem do objeto se atualiza, se reinventa e como o mito por se tratar de uma imagem movente vem antes do homem, ele fala antes da palavra por ele

O mito consegue dialogar com todas as camadas sociais criadas pelo homem para se perpetuar no poder, no topo da pirâmide, por exemplo, no Egito Antigo, a força do mito justificava o reinado inquestionável do faraó sobre as camadas de escravos e egípcios pobres. O panteão dos mitos egípcios atendia uma necessidade que ia do faraó, até as dores das chibatadas nas suplicas do escravo. A “normalidade” para servir e aceitar as agruras da servidão como um mistério dos deuses era um ponto de equilíbrio social e político.

A cultura ocidental que ancora no litoral da América tem em seu maior símbolo de representatividade cultural e poder na cruz. A missão civilizadora movida pela certeza e a força dos jesuítas penetraram os sertões da nova colônia portuguesa na América, que foi o Brasil. O mito do sagrado europeu que será imposto como uma verdade absoluta sobre os povos da floresta será justificada como uma urgência salvadora, de um povo bestial, que não possuía Deus, Lei e nem Rei.

O antropólogo Florestan Fernandes, irá descrever com perfeição a destruição violenta dos povos da floresta por meio do descredito e morte dos mitos dos dominado.

O povo tupinambá tem seu mundo invisível destruído, seus mitos mortos e decodificados. A catequização transformou um povo aguerrido em medrosos, e inertes diante da morte do seu mundo invisível aos olhos humanos, visível apenas com a sensibilidade da Alma.

Considerações Finais

Entende-se que mito possui em si a capacidade de equilibrar, contrabalancear, o discurso, a inclusão, a exclusão. É o mito quem irá justificar a manutenção particular de certas praticas culturais, como também um pertencimento do indivíduo com o coletivo.



III Seminário Internacional em
Sociedade e Cultura na Pan-Amazônia
Universidade Federal do Amazonas - UFAM
Manaus (AM), de 21 a 23 de novembro de 2018



O mito explica a particularidade da vida, é o mito o criador das fronteiras de determinados comportamentos humano, é o mito que dialoga ao mesmo tempo com o sagrado e profano. Ele promove a aceitação do indivíduo pelos demais membros do grupo.

A Amazônia apresenta a sua grandeza na simplicidade de seus mitos. São os mitos amazônicos, que criam toda uma dialética social e cultural de suas gentes. O equilíbrio do homem na sua relação com o meio. O Rio Amazonas, assim como o Rio Nilo, será o útero do nascimento dos mitos amazônicos, estes mitos estabelecem suas próprias regras e bases das relações sócias, apaziguando preconceitos como assim o faz o mito do boto, onde a mãe solteira passa a ser aceita por todos dentro da comunidade, em um equilíbrio social razoável, legitimando a força do mito do boto sedutor.

Referências

ABNT. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10.004/2004.

Resíduos sólidos- Classificação. Rio de Janeiro: ABNT,2004.

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA AO REI DE PORTUGAL(Biblioteca Virtual.com.br)

BARCHELARD, Gaston. **A poética do Espaço.** Rio de Janeiro: EDITORA Martins Fontes.